

XV CONGRESSO INTERNACIONAL ARTEFATOS DA CULTURA NEGRA

COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS E PUBLICAÇÃO DOS ANAIS DO EVENTO

ORIENTAÇÕES GERAIS - SUBMISSÕES

Inscrições com Trabalhos: de 22 de julho a 23 de agosto de 2024

1. Cada autor(a), coautor(a) ou orientador(a) (quando tiver) deve, OBRIGATORIAMENTE, realizar e pagar sua inscrição individualmente no evento na modalidade apresentação de trabalho (R\$50,00).
2. Cada participante poderá submeter até 02 (dois) trabalhos. Caso for orientador(a), não terá limites no número de trabalhos.
3. Cada trabalho poderá ser escrito por até 03 (três) pessoas. Deve conter o título, nome completo das pessoas proponentes, vinculação institucional, endereço eletrônico.
4. Caso o trabalho tenha orientador(a), poderá ficar até 04 (quatro) pessoas. Deve ser destacado o último como orientador(a). Ao cadastrar no SisEventos é necessário que informe na opção orientador. Não coloque como coautoria.
5. Para inscrição todos os trabalhos devem ser apresentados no formato de Resumos Simples contendo de 1000 a 2000 caracteres no sistema de eventos da URCA (SisEventos). É preciso anexar o resumo em pdf no ato de inscrição.
6. O Resumo deverá ser apresentado em Português.
7. Como compromisso contra o racismo epistêmico, o resumo deverá garantir referenciais de concepções, teorias e epistemologias negras e/ou indígenas, devendo ter ao menos uma referência de trabalhos publicados dos outros Congressos do Artefatos da Cultura Negra.
8. O (s) trabalho(s) será(ão) apresentado(s), oralmente, facultando a utilização de equipamento audiovisual.
9. As propostas de Resumos deverão dialogar com a proposta central do Simpósio Temático. Serão recebidos trabalhos que resultem de pesquisas concluídas ou em andamento, relatos de experiências pedagógicas e outras produções artísticas e literárias (poesia, fanzine, cordéis, desenhos, contos, arquivos orais, produções audiovisuais, etc).
10. O resumo expandido (4 a 6 páginas) deverá ser enviado para o e-mail: trabalhos.artefatos@urca.br até o dia 27 de outubro de 2024. Os anais do evento serão publicados até 30 de janeiro de 2025.
11. A coordenação do Simpósio Temático ficará responsável pela avaliação dos trabalhos submetidos e organização das listas na sessão de comunicação.
12. As apresentações acontecerão presencialmente no dia 27 de setembro de 2024, sexta-feira, no horário das 13:30h às 17:30h, na URCA - Campus Pimenta, Crato-CE. Para as inscrições com trabalho será cobrado o valor de R\$ 50,00 por inscrição. Todos(as) os(as) autores(as) do trabalho precisam pagar inscrição.
13. Para o pagamento da inscrição:

Antônio Carlos Dias de Oliveira

Banco: 237 - Banco Bradesco S.A.

Agência: 454

Conta: 331761-7

PIX: carlosdyaoliver@gmail.com (email)

Após o pagamento anexar o comprovante ao sistema de inscrição e enviar como cópia de segurança o comprovante para o e-mail: trabalhos.artefatos@urca.br

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

1. Interseccionalidade e Decolonialidade nas Experiências das Mulheres Negras nas Estruturas de Poder e Sociedade

Profa Me. Maria Gabriela Vieira Leite (SEDUC-CE); Profa Me. Maria Raiane Felix Bezerra (SEDUC-CE/GRUNEC); Profa Me. Sabrina Maria Monte (SEDUC-CE); Profa Me. Susana Dainara Terto de Oliveira (UFG)

O objetivo desta sessão temática é discutir as diversas desigualdades e privilégios nos setores econômicos, nas organizações públicas e privadas, nas relações de poder e trabalho, assim como na educação, cultura e política, a partir de uma perspectiva interseccional e decolonial. Este simpósio é dedicado a pesquisadores e pesquisadoras que estudam sobre as mulheres negras em suas múltiplas dimensões: na política, em suas trajetórias na universidade, questões de violência, gênero, sexualidade, mundo do trabalho, educação, cultura e outros aspectos relacionados. A intenção é criar um espaço de reflexão e troca de conhecimentos que evidenciem as experiências, desafios e resistências das mulheres negras, promovendo uma compreensão mais profunda e abrangente das complexidades que permeiam suas vidas e lutas.

2. Patrimônio cultural da população negra e educação

Prof. Dr. Henrique Cunha Junior (UFC), Profa Me. Meryelle Macedo da Silva (NEGRER-URCA), Profa Me. Cicera Aguida Barbosa Marcelino (NEGRER-URCA), Prof. Rafael Ferreira da Silva (NEGRER-URCA)

O processo afrodiáporico no Brasil propiciou a formação de um patrimônio cultural da população negra, o qual associado a educação pode corroborar para o resgate da nossa ancestralidade, viabilizando a construção de uma identidade étnico-racial. É preciso conhecer/reconhecer os artefatos da cultura negra os quais refletem diversas filosofias de vida de matrizes africanas que estão fixadas no espaço geográfico e conectadas à complexidade sistêmica do continente africano. Os artefatos da cultura negra estão representados através da produção material e imaterial, como a arquitetura, música, dança e a religiosidade. Desse modo pretendemos com esse simpósio dialogar com pesquisadoras e pesquisadores das várias áreas da produção do conhecimento que tenham como foco o estudo do patrimônio cultural da população negra e suas implicações educativas.

3. Educação, Pesquisa e Exibição das Artes Africanas, Afro-brasileiras e Afroindígenas

Profa. Dra. Otilia Aparecida Silva Souza (URCA), Profa. Me. Hayane Mateus Silva Gomes (UFRN), Profa. Dra. Renata Ap. Felinto dos Santos (URCA)

Este simpósio pretende congrega trabalhos e pesquisas que discutam sobre as produções artísticas africanas, afro-brasileira e afroindígenas ou àquelas gestadas sobre as influências provocadas pelo movimento afrodiáporico. Comunicações orais que tragam narrativas, memórias, simbologias, experiências de resistência, metodologias de ensino-aprendizagem, análises/críticas expositivas e curadorias que tomem a arte como principal ferramenta para transmitir as referências culturais africanas, afro-diaspóricas e afroindígenas poderão ser apresentadas nesse espaço. Por isso, serão bem-vindas propostas que reflitam sobre essas características através de fotografia, artes visuais (pintura, escultura, colagem, assemblagem, performance, instalações, grafite etc.), música, áudio visual, e qualquer outra manifestação

artística que pense a arte a partir de uma perspectiva decolonial.

4. A pessoa com deficiência, acessibilidade e racismo

Profa. Dra. Marla Vieira Moreira de Oliveira (URCA); Profa. Ingrid Costa Cardoso (URCA); Profa. Esp. Lara Paulino Cazé (URCA); Profa. Esp. Maria Rerbelânia de Souza Pereira (URCA); Prof. Esp. Pedro Henrique de Lima (URCA); Profa. Me. Veronica Nogueira do Nascimento (URCA)

O referido ST visa congregar estudos, pesquisas e experiências que problematizam a agenda política em torno das articulações entre pessoas com deficiência, inclusão, acessibilidade e cultura negra. Assim, esse ST espera receber trabalhos que problematizam questões sobre: a) raça/etnia, classe e deficiências na ciência; b) acessibilidade e pessoas com deficiência na universidade e na escola regular; c) a invisibilidade da produção científica pessoas negras com deficiência; d) políticas de inclusão e permanência de pessoas negras e pessoas com deficiência no Ensino Superior. e) artefatos culturais do povo negro e com deficiência. Além dessas possibilidades, serão bem-vindas reflexões que contribuam para o fortalecimento da defesa dos direitos humanos e de perspectivas politicamente situadas na inclusão, antirracismo e anticapacitismo que explicitem as desigualdades nas práticas educacionais e sociais voltadas aos corpos que fogem ao padrão normativo da cultura européia tradicional, branca, masculina e colonizadora. Portanto, o presente simpósio se propõe a dialogar sobre trajetórias e experiências nos campos de ensino, pesquisa e extensão que abordam sobre esses entrelaçamentos e múltiplas identidades por vezes estigmatizadas. Esses debates são importantes para que possamos construir indicativos de enfrentamento ao racismo relacionado à pessoa com deficiência.

5. Políticas Públicas e Relações Étnico-raciais

Profa. Dra. Maria Jorge dos Santos Leite (UPE); Prof. Me. Francisco Orismidio Duarte da Silva (SEDUC-CE, UPE); Prof. Dr. Luiz Carlos Carvalho Siqueira (NEGRER-URCA); Prof. Me. Francisco Givaldo Pereira (SEDUC-CE)

Este Grupo de Trabalho objetiva aprofundar, numa perspectiva interdisciplinar, a relação entre Estado e Povos de Comunidades Tradicionais (negras e indígenas); a gestão e avaliação de políticas públicas e ações afirmativas, com ênfase na aplicação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que versam sobre ensino história da África, afro-brasileira-brasileira e Indígena, considerando os 20 anos de promulgação dessa legislação que garante a educação para as relações étnico-raciais no Brasil. Os debates envolverão, especialmente, articulações que buscam analisar as diversas resistências construídas por sujeitos sociais racializados de forma individual ou coletiva, o racismo estrutural e institucional e suas variadas formas de manifestação, genocídios, etnocídios, epistemicídios, violência e criminalização dos movimentos sociais negros e indígenas e as desigualdades decorrentes da relação gênero e raça.

6. Proposições da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena

Dr. Itacir Marques da Luz (UNILAB), Dr. Thiago de Abreu e Lima Florêncio (URCA), Me. Miscilane Kariri (SEDUC-CE/UFPE), Me. Joedson Kariri (SEDUC-CE/LaGente-UFG); Dra. Silmária Reis dos Santos (UFCG)

Um espaço para promoção do debate sobre aspectos e processos sobre a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, tendo em consideração as diferentes experiências dos grupos e sujeitos no território africano, bem como um panorama da Diáspora Negra e dos povos indígenas nas Américas, com destaque para os processos de atuação, criação e

ressignificação por parte dessas populações nos espaços e dimensões da vida social. Por essa perspectiva, destacam-se as práticas de sociabilidade e de expressões culturais como demonstração de resistência e afirmação étnico-racial, evidenciando a riqueza e as contribuições das tradições de matriz africana e indígena na formação de diferentes territórios.

7. Gênero, sexualidade e relações étnico-raciais

Profa. Esp. Ana Verônica Barbosa Isidório (NEGRER-URCA/Frente de Mulheres do Cariri/UECE), Prof. Dr. Cícero Joaquim dos Santos (URCA); Rickie Santana (URCA)

As reflexões sobre gênero, educação e diferenças e a intersecção com marcadores sociais pulsantes em nosso cotidiano, quais sejam: raça/etnia, violência, geração, sexualidade e territorialidade tem a pretensão de tensionar modos plurais de afirmação de diferenças, considerando os contextos sociais, culturais e discursivos e suas formas de regulação e normatização por instituições como família, escola, estado e igreja. É uma oportunidade de nos somarmos às várias iniciativas e pensamentos na perspectiva de remexer e repensar práticas educativas e epistemologias sexistas, heteronormativas, racistas, coloniais e excludentes que atuam no anulamento, violação, e silenciamento de pessoas e grupos específicos. Essas interpelações exigem novos enfrentamentos, o que envolve repensar práticas políticas e teóricas, assumir outras vias de interpretação e olhar para esses temas a partir de outros ângulos. Os estudos decoloniais e interseccionais tem assumido esse desafio.

8. História e cultura africana e afrodescendente: Perspectivas para a formação docente, currículo, políticas educacionais e experiências pedagógicas antirracista

Prof. Dr. Anderson Camargo Rodrigues Brito (GEA-URCA), Profa. Me. Meryelle Macedo da Silva (NEGRER-URCA), Prof. Me. Paulo Tiago Oliveira Alves (NEGRER-URCA), Profa. Me. Yohana Alencar Oyátòsín (UFC), Prof. Dr. Cristóvão Teixeira Rodrigues Silva (URCA)

Este Grupo de Trabalho se configura numa perspectiva interdisciplinar enquanto espaço de intercâmbio entre o ensino superior, a educação básica e os movimentos sociais, de modo a propor reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem da história e cultura africana e afrodescendente. A proposta busca dialogar com diferentes perspectivas no contexto da afrodescendência que amplie os referenciais teórico-metodológicos dos estudos e experiências educativas nesse campo. Objetiva-se reunir trabalhos que englobem pesquisas com foco na formação docente, currículo, políticas educacionais, revisão de materiais didático-pedagógicos e experiências pedagógicas antirracistas desenvolvidas nos diversos espaços educacionais.

9. Ensino de ciências naturais e sociais em perspectiva étnico-racial

Profa. Dra. Maria Derlandia de Araújo Januário (NEGRER-URCA), Profa. Elenildes Gonçalves dos Santos (UECE), Prof. Dr. Thiago Alves Moreira Nascimento (URCA), Prof. Me. Cassio Expedito Galdino Pereira (NEGRER-URCA/Imago-URCA)

A história das ciências na perspectiva negra; as reflexões sobre o ensino de ciências, da importância de acesso ao conhecimento científico e do desenvolvimento do pensamento conceitual a partir dos marcadores sociais, em perspectiva da interseccionalidade; a necessidade de pensar o papel da escola que incorpora as Leis nº 10.639/03 e nº 11645/08 e seus desdobramentos para o ensino de ciências, uma vez que se compreende o conhecimento

científico como produto cultural, ao passo em que colabora para a construção de um pensamento antirracista, dando destaque às contribuições históricas à humanidade. Pensar ciências, tecnologia, territorialidades, espacialidades, astronomia e demais áreas das ciências naturais, sociais e humanas na intenção da construção de arcabouço de conhecimentos africanos, afrodescendentes, antirracistas, inclusivos e teoricamente fundamentados.

10. Fé, Festa e Trabalho ou Narrativas orais em matrizes afropindorâmicas

Prof. Dr. Edson Soares Martins (URCA) e Prof^a. Ma. Joana D'Arc de Oliveira Mendonça (URCA)

O Grupo de Trabalho se dispõe a propiciar o diálogo entre estudos, inquietações e leituras de produtos, formas e sistemas narrativos vestidos a partir da afropindoramicidade sugerida por Nego Bispo que proponham a relatoria de saberes da experiência de vidas e memórias, de fazeres e de saber-fazeres e de todos os demais artefatos alcançáveis por essa chave de interlocução. Sugere-se o foco em abordagens que permitam articular as dimensões política, poética, religiosa e filosófica da narrativa como fundamento da biointeração negra com a vida, o lugar, a palavra e os desejos, em seus múltiplos modos de acontecimento. São bem-vi(n)das as propostas de partilha intelectual que situem a fé, a festa e o trabalho como momentos organizadores do nexos cultural vital que é a vivência negra na diáspora.

11. Racismo religioso, racismo e religiosidades

Profa. Me. Moema Alves Macêdo (ANPSINEP-CE; GEMA-UFPE; UNILEAO), Prof. Me. Sandro Moura (URCA; Candomblé Quilombaxé), Herlania Batista Galdino (comitê impulsor em defesa da liberdade religiosa do Cariri, candomblé Quilombaxé, ong Quilombaxé).

O Brasil é um país que se estruturou partindo de processos de colonização e colonialidade partindo do racismo sobre povos originários e povos escravizados sequestrados do continente africano. A colonialidade marca as relações interpessoais e vínculos, trazendo para o contexto cotidiano, de modo subjetivado, a valoração dos modos de vida e da estética do europeu, em detrimento aos valores e as formas de existência dos povos locais, dos negros e dos indígenas. Entre esses modos que se tornam invisibilizados, discriminados, desvalorizados e perseguidos, encontram-se as religiões afro-brasileiras-indígenas forjando o racismo religioso. O racismo religioso, no Brasil, é uma esfera dominante que opera nas relações de poder, materializando-se nos setores educacionais, econômicos, políticos e culturais. A violência contra as religiões de matrizes afro-brasileiras-indígenas não é apenas uma forma de negar o direito de professar uma fé, mas, também, uma estratégia de manutenção do status quo colonialista. Diante disso, o estigma, a inferiorização e a demonização dos cultos afro-brasileiro-indígenas são os tentáculos desse racismo que devem ser discutidos e enfrentados em todas as camadas da sociedade. Esse percurso violento da colonização e da colonialidade delinea contornos abissais (linhas supostamente invisíveis que demarcam lugares visíveis em relação a possibilidades naturalizadas de ocupações sócio-econômicas e de humanidade). Sendo assim, mesmo dentro de espaços de religiosidade tidos como valorados por culturas europeias, como é o caso de religiões cristãs, a figura de pessoas negras e indígenas é marcada por fortes representações racistas e discriminatórias. O Grupo de Trabalhos (GT) sobre racismo religioso oportuniza a reunião de trabalhos que abordem, discutam o enfrentamento a discriminação religiosa, promovendo o respeito a diversidade cultural e religiosa, além de acolher propostas que tensionam relações interseccionais entre racismo e religiosidade, envolvendo ou não outros marcadores sociais, como gênero e classe, bem como, que apontem estratégias de enfrentamento, tais como: Pedagogias de Terreiros, processos de letramento

racial, movimentos sociais entre outras.

12. Direito à cidade: produção de cuidado e saúde na relação entre territórios e pessoas negras

Prof. Dr. Alef Diogo da Silva Santana (URCA)

Os territórios nessa proposta são tomados como agentes que participam e modelam a materialidade das experiências das pessoas, sendo ele próprio, o território, um ator. Como forma de adensar a proposta, destaco que a compreensão de território enquanto relação vivida (Milton Santos, 1999), dinâmica e ancestral em um sentido de aquilombamento e cosmofluente (Bispo dos Santos, 2023) tensiona conceitos comuns na área da saúde, em especial, da Enfermagem em Saúde Coletiva (Santana, 2024), como as territorialidades em saúde. Os sentidos explorados da categoria território aqui se afastam de uma perspectiva de matriz eurocêntrica que o prioriza como “tecnologia de poder” (Haesbaert, 2020) e se aproximam de um horizonte que privilegia a produção de identidades e do seu uso como instrumento de luta e transformação social. Nesse sentido, pensar o(s) território(s) que compõem a cidade e que as pessoas, notoriamente, negras, produzem e constroem seus vínculos, nos possibilita desvelar as formas de produção de saúde e cuidado presentes nessa interação, desmistificando não só a noção de território enquanto agente passivo e ahistórico, quanto a compreensão das emoções enquanto questões meramente biológicas e desvinculadas do social (Rezende, Coelho, 2010). Do ponto de vista epistemológico, trabalhos que se apoiem em autores decoloniais e do sul-global serão bem vindos, em especial, àqueles que são resultantes das produções de pessoas pesquisadoras que estão nas margens acadêmicas (Kilomba, 2008). Por fim, analisar e identificar essas formas de produção de cuidado que os territórios possuem junto às pessoas negras, nos possibilitará dialogar e colocar sob perspectiva outras formas de produção de saúde, alargando concepções tão usuais no campo da Enfermagem e desvelando novas pistas para reflexões e discussões.